



**FACULDADE
METROPOLITANA**

FACULDADE METROPOLITANA DO ESTADO DE SÃO PAULO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**DEIVIS ROBERTO DOS SANTOS
SAMUEL SILVA SOARES**

**UM OLHAR HISTÓRICO SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES
POLÍTICAS, ECONÔMICAS E SOCIAIS NO MUNDO APÓS A
2ª GUERRA MUNDIAL**

RIBEIRÃO PRETO - SP

2025

**DEIVIS ROBERTO DOS SANTOS
SAMUEL SILVA SOARES**

**UM OLHAR HISTÓRICO SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES
POLÍTICAS, ECONÔMICAS E SOCIAIS NO MUNDO APÓS A
2ª GUERRA MUNDIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade Metropolitana do
Estado de São Paulo como exigência
parcial para obtenção do título de
Licenciado em História.

Orientadora: Profa. Dra. Larissa Prado Roitberg.

RIBEIRÃO PRETO - SP

2025

Dedico este trabalho a todos os professores e professoras do nosso país, que se dedicam a oferecer uma educação de qualidade aos seus alunos, formando homens e mulheres de caráter que farão a diferença em nossa sociedade.

Deixo aqui registrada minha homenagem a Marc Bloch, um dos fundadores da Escola dos Annales, que nos ensinou que a História é *"a ciência que estuda a ação do homem no tempo e no espaço"*.

E, parafraseando Paulo Freire: *"A educação não muda o mundo. Ela muda as pessoas, que mudam o mundo"*.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ser minha fortaleza e fonte de vida.

Agradeço Aos meus pais, Geraldino Carvalho Soares e Sandra Maria Silva Soares, e aos meus avós, Raimunda Sacramento Veloso Silva e João Torquato Veloso Silva (*in memoriam*), pelo amor e pelos ensinamentos. À minha esposa, Jamilce Nascimento Silva, e aos meus filhos, Lucas Samuel Galvão Soares e Stephany Galvão Soares, por todo apoio e paciência nesta jornada. Estendo meus agradecimentos a todas as pessoas que contribuíram para minha formação, em especial aos professores Elenilson, Carla Damasceno, David, à nossa orientadora, Professora Larissa Prado Roitberg, à coordenadora Andressa Xavier e à diretora Acadêmica da Famesp, Professora Fernanda.

(Samuel Silva Soares).

Agradeço em primeiro lugar a Deus, que até aqui tem me sustentado e suprido todas as minhas necessidades. À minha esposa, Regiane, e a toda minha família, pelo suporte incondicional. Agradeço também à Faculdade Metropolitana e a todo o seu corpo docente, que foi um canal fundamental de aprendizado e preparo acadêmico para a realização deste sonho. A todos, muito obrigado!

(Deivis Roberto dos Santos).

“A educação, qualquer que seja o nível, é sempre um ato político Quer queira, quer não queira, fazemos política, ao fazer educação”
Paulo Freire.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso analisa as profundas transformações estruturais ocorridas no cenário global após o término da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). O conflito, evento de proporções cataclísmicas, dissolveu a ordem internacional vigente, marcada pela hegemonia europeia, e estabeleceu novos paradigmas de poder. O objetivo geral desta pesquisa é compreender como o desfecho da guerra atuou como catalisador para a reconfiguração das dinâmicas políticas, econômicas e sociais. A metodologia empregada consiste em uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, fundamentada em uma revisão historiográfica de obras de referência. A análise demonstra que a devastação europeia criou um vácuo de poder preenchido por duas novas superpotências, Estados Unidos e União Soviética, inaugurando a ordem política bipolar da Guerra Fria. Concomitantemente, a esfera econômica foi redesenhada pela Conferência de Bretton Woods, que instituiu a hegemonia do dólar, e pelo Plano Marshall, que atrelou a reconstrução europeia à contenção geopolítica do comunismo. No campo social, o trauma do Holocausto impulsionou a criação da Organização das Nações Unidas (ONU) e a codificação dos Direitos Humanos, enquanto o enfraquecimento das potências coloniais acelerou os processos de descolonização na África e Ásia. Conclui-se que a arquitetura do mundo contemporâneo é herdeira direta das decisões e reconfigurações estabelecidas sobre as ruínas de 1945.

Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial. Pós-Guerra. Guerra Fria. Bipolaridade. Descolonização.

ABSTRACT

This undergraduate dissertation analyzes the profound structural transformations that occurred in the global scenario after the end of the Second World War (1939-1945). The conflict, an event of cataclysmic proportions, dissolved the prevailing international order marked by European hegemony and established new paradigms of power. The general objective of this research is to understand how the outcome of the war acted as a catalyst for the reconfiguration of political, economic, and social dynamics. The methodology employed consists of qualitative bibliographic research, based on a historiographical review of key reference works. The analysis demonstrates that European devastation created a power vacuum filled by two new superpowers, the United States and the Soviet Union, inaugurating the bipolar political order of the Cold War. Concurrently, the economic sphere was redesigned by the Bretton Woods Conference, which established the hegemony of the dollar, and by the Marshall Plan, which linked European reconstruction to the geopolitical containment of communism. In the social field, the trauma of the Holocaust spurred the creation of the United Nations (UN) and the codification of Human Rights, while the weakening of colonial powers accelerated decolonization processes in Africa and Asia. It is concluded that the architecture of the contemporary world is a direct heir to the decisions and reconfigurations established upon the ruins of 1945.

Keywords: Second World War. Post-War. Cold War. Bipolarity. Decolonization.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 CAPÍTULO 1 - O COLAPSO DA ORDEM EUROPEIA E A REESTRUTURAÇÃO POLÍTICA GLOBAL	10
2.1 O DECLÍNIO DAS POTÊNCIAS TRADICIONAIS	11
2.2 A BIPOLARIDADE E O ALVORECER DA GUERRA FRIA	11
3 CAPÍTULO 2 – A ARQUITETURA DE UMA NOVA ECONOMIA MUNDIAL	12
3.1 BRETTON WOODS E A HEGEMONIA DO DÓLAR	13
3.2 O PLANO MARSHALL E A GEOPOLÍTICA DA RECONSTRUÇÃO	14
4 CAPÍTULO 3 – REPERCUSSÕES SOCIAIS: DESCOLONIZAÇÃO E DIREITOS HUMANOS	14
4.1 A CRIAÇÃO DA ONU E A DECLARAÇÃO UNIVERSAL	15
4.2 O FIM DOS IMPÉRIOS: A DESCOLONIZAÇÃO AFRO-ASIÁTICA	15
5 CONCLUSÃO	16
REFERÊNCIAS	18

1 INTRODUÇÃO

A Segunda Guerra Mundial, conflito que se estendeu de 1939 a 1945, permanece como o evento mais cataclísmico da história humana. Com um saldo superior a 70 milhões de mortos e o envolvimento de mais de 60 nações, a guerra redefiniu os paradigmas da soberania, da tecnologia bélica e da própria moralidade. Suas causas complexas, como aponta a historiografia dedicada ao tema, remontam às pazes mal resolvidas da Primeira Guerra Mundial, consolidadas em um Tratado de Versalhes que impôs condições humilhantes à Alemanha. Esta conjuntura de crise econômica e ressentimento nacional fomentou a ascensão do Nazismo, culminando no capítulo mais sombrio do século: o Holocausto, a tentativa de extermínio sistemático dos judeus europeus.

A conclusão do conflito, selada com a capitulação do Eixo e o lançamento das bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki, não significou um retorno à ordem anterior. A Europa, devastada e em ruínas, perdeu irrevogavelmente seu papel de epicentro do poder global. O mundo que emergiu em 1945 era irreconhecível, marcado pelo vácuo de poder deixado pelas potências imperiais exauridas e pela ascensão de dois novos gigantes: os Estados Unidos (EUA), defensores do capitalismo, e a União Soviética (URSS), defensora do comunismo. Este novo contexto global, de bipolaridade, deu início imediato a um novo tipo de conflito, a Guerra Fria, marcando o início de uma nova era.

O presente trabalho analisa as profundas transformações políticas, econômicas e sociais no cenário global imediatamente após o término da Segunda Guerra Mundial. O tema delimita-se ao período de reconfiguração da ordem mundial, aproximadamente entre 1945 e a consolidação dos blocos de poder na década de 1950.

Diante da vastidão do tema, a pesquisa é norteadada pela seguinte questão-problema: De que maneira o desfecho da Segunda Guerra Mundial atuou como um catalisador para a reestruturação completa da ordem internacional, dissolvendo a hegemonia europeia e estabelecendo novas dinâmicas bipolares nos campos político, econômico e social que moldaram o século XX?

A relevância desta pesquisa reside na compreensão das origens diretas do mundo contemporâneo. As instituições que hoje regulam o comércio e as finanças globais (FMI, Banco Mundial), os organismos que mediam os conflitos internacionais

(ONU) e os princípios que norteiam os direitos humanos são todos produtos diretos do pós-1945. Como aponta Eric Hobsbawm (1995), o "breve século XX" foi forjado nas chamas dessa "Era da Catástrofe". Portanto, analisar este período não é apenas um exercício de historiografia, mas uma ferramenta essencial para decifrar as estruturas de poder, as alianças e as tensões geopolíticas do presente.

O objetivo geral é compreender, de forma analítica e contextualizada, as principais alterações estruturais ocorridas no mundo no pós-Segunda Guerra Mundial, focando na interconexão entre as esferas política, econômica e social.

Os objetivos específicos baseiam-se em analisar a transição do poder político, investigando o declínio das potências imperiais europeias (Reino Unido e França) e a ascensão dos Estados Unidos e da União Soviética como superpotências; Identificar as novas bases da economia global, com ênfase na criação das instituições de Bretton Woods e no impacto geopolítico do Plano Marshall; Examinar as repercussões sociais do conflito, especificamente a criação da ONU como resposta aos traumas da guerra e o impulso dado aos movimentos de descolonização na África e na Ásia

Para alcançar os objetivos propostos, a metodologia adotada será a pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo. O trabalho se fundamentará em uma revisão historiográfica crítica, baseada em obras de referência sobre o período, como as de Eric Hobsbawm, Antony Beevor, William Shirer e Richard Overy. A análise buscará interpretar os eventos históricos, conectando-os em uma narrativa coesa que explique a complexa transição da ordem mundial, pautando-se em fontes secundárias consolidadas pela academia.

2 CAPÍTULO 1 - O COLAPSO DA ORDEM EUROPEIA E A REESTRUTURAÇÃO POLÍTICA GLOBAL

O ano de 1945 não representa apenas o fim de um conflito militar; ele simboliza o fim da "Era Europeia", um período de quase 500 anos em que o destino do globo foi, em grande medida, decidido em capitais como Londres, Paris, Berlim e Viena. A Segunda Guerra Mundial, um conflito que, em sua essência, foi uma "guerra civil europeia" levada às últimas consequências, deixou o continente em estado de absoluta prostração.

A devastação material era incalculável, mas o colapso moral e político foi ainda mais profundo. O historiador britânico Richard Overy (1995), em sua seminal obra

Why the Allies Won, argumenta que a vitória dos Aliados foi, em si, um evento complexo, mas seu resultado imediato foi claro: o esgotamento das potências vitoriosas europeias.

2.1 O DECLÍNIO DAS POTÊNCIAS TRADICIONAIS

Embora sentados à mesa dos vencedores, o Reino Unido e a França emergiram da guerra como sombras de seu antigo poder imperial. O Reino Unido, embora tendo resistido bravamente à ofensiva nazista, estava economicamente falido. O esforço de guerra havia consumido suas reservas de ouro e o país dependia maciçamente da ajuda financeira dos Estados Unidos. Como observa Hobsbawm (1995, p. 25), a antiga "oficina do mundo" estava agora em ruínas e seu vasto império colonial começava a se desintegrar, com a iminente independência da Índia em 1947.

A França, por sua vez, sofreu a humilhação da ocupação nazista. Sua libertação deveu-se, em grande parte, às forças Aliadas (americanas, britânicas e canadenses) e à resistência soviética na frente oriental. A "grandeza" francesa, pilar de sua política externa, estava ferida. O esforço para manter suas colônias, como visto na Indochina e na Argélia, seria a sangria final de seu status de potência de primeira ordem.

Simultaneamente, as nações derrotadas, Alemanha e Japão, estavam sob ocupação militar direta. A Alemanha, em particular, tornou-se o epicentro simbólico da nova divisão mundial. Como descrito por William Shirer (2017) em *Ascensão e Queda do Terceiro Reich*, o projeto de Hitler de um império de mil anos resultou na divisão de seu país em quatro zonas de ocupação, um prelúdio para a divisão formal em duas Alemanhas.

2.2 A BIPOLARIDADE E O ALVORECER DA GUERRA FRIA

Neste vácuo de poder europeu, duas nações emergiram como as únicas e verdadeiras superpotências. Ambas possuíam escala continental, vastos recursos naturais, poderio industrial e, crucialmente, ideologias messiânicas com pretensões universais: os Estados Unidos e a União Soviética.

Os Estados Unidos terminaram a guerra em uma posição de poderio sem precedentes. Seu território continental estava intacto, sua economia respondia por

metade do PIB mundial e detinham o monopólio da bomba atômica. Eles se tornaram os fiadores da ordem capitalista liberal.

A União Soviética, embora tenha sofrido perdas humanas e materiais devastadoras - o historiador Antony Beevor (2015, p. 890), em *A Segunda Guerra Mundial*, detalha a brutalidade da Frente Oriental, emergiu com um prestígio militar incomparável. O Exército Vermelho, responsável direto pela derrota de cerca de 80% das forças de Hitler, ocupava toda a Europa Oriental. Para Stalin, esses territórios não eram apenas conquistas, mas uma zona de proteção (um *cordon sanitaire*) essencial contra futuras invasões do Ocidente.

A desconfiança mútua entre os antigos aliados foi imediata. A "Guerra Fria" não foi uma invenção de um momento, mas a consequência lógica dessa nova distribuição de poder. Eric Hobsbawm (1995, p. 223) define este período não como uma paz, mas como um equilíbrio de terror:

O apocalipse ameaçava a humanidade [...]. A peculiaridade da Guerra Fria era a de que, em termos objetivos, não existia perigo iminente de guerra mundial. Mais que isso: ambas as superpotências aceitavam a divisão desigual do mundo [...]. A URSS controlava sua zona de influência, e não intervinha fora dela. Os EUA faziam o mesmo. (Hobsbawm, 1995, p. 225-226).

A Doutrina Truman em 1947, que prometia apoio americano a "povos livres" que resistissem à subjugação (uma clara referência ao comunismo), e o Bloqueio de Berlim em 1948, foram os primeiros confrontos diretos desta nova era. A divisão política do mundo estava selada: de um lado o "mundo livre" capitalista, liderado por Washington; do outro, o bloco comunista, liderado por Moscou.

3 CAPÍTULO 2 - A ARQUITETURA DE UMA NOVA ECONOMIA MUNDIAL

A Segunda Guerra Mundial não foi apenas um desastre militar e humano; foi o colapso financeiro da ordem mundial. A Europa, outrora centro bancário e industrial do planeta, estava literalmente falida, com sua infraestrutura destruída e suas dívidas em níveis astronômicos. Diferente do pós-Primeira Guerra, que resultou em caos econômico e hiperinflação (especialmente na Alemanha de Weimar), os vitoriosos de 1945, liderados pelos Estados Unidos, buscaram ativamente projetar uma nova ordem

econômica que garantisse a estabilidade e, ao mesmo tempo, solidificasse sua própria hegemonia.

Esta nova arquitetura foi erguida sobre dois pilares centrais: as instituições de Bretton Woods, que definiram as regras do jogo, e o Plano Marshall, que financiou a reconstrução do "mundo livre".

3.1 BRETTON WOODS E A HEGEMONIA DO DÓLAR

Mesmo antes do fim da guerra, em julho de 1944, 44 nações aliadas se reuniram em Bretton Woods, New Hampshire, nos EUA, para desenhar o sistema financeiro do pós-guerra. O objetivo era claro: evitar o protecionismo, as desvalorizações cambiais competitivas e a instabilidade que marcaram o período entreguerras e que, segundo muitos, pavimentaram o caminho para o segundo conflito mundial.

Como aponta Eric Hobsbawm (1995), a solução encontrada foi a criação de um sistema baseado na "hegemonia consensual" dos Estados Unidos. A economia americana era a única que saíra intacta e fortalecida da guerra, detendo a maior parte das reservas de ouro mundiais. Assim, o sistema de Bretton Woods estabeleceu:

O Padrão Dólar-Ouro: O dólar americano tornou-se a moeda de reserva internacional, sendo a única moeda diretamente conversível em ouro a uma taxa fixa (\$35 por onça). As demais moedas teriam suas taxas de câmbio atreladas ao dólar.

A Criação de Instituições Multilaterais: Para gerir este sistema, foram criados dois organismos centrais:

O Fundo Monetário Internacional (FMI), cuja função seria monitorar as taxas de câmbio e emprestar fundos de reserva a nações com desequilíbrios temporários em seus balanços de pagamento;

O Banco Mundial (inicialmente BIRD - Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento), focado em financiar projetos de reconstrução na Europa e, posteriormente, o desenvolvimento em nações emergentes.

Este sistema (Hobsbawm, 1995) garantiu décadas de estabilidade e crescimento sem precedentes no Ocidente, conhecidas como os "Anos Dourados" do capitalismo. Contudo, também cimentou a posição dos Estados Unidos como o eixo da economia global, um poder que seria contestado apenas décadas mais tarde.

3.2 O PLANO MARSHALL E A GEOPOLÍTICA DA RECONSTRUÇÃO

A criação de instituições financeiras não era suficiente para lidar com a devastação imediata da Europa. O inverno de 1946-1947 foi particularmente severo, e a miséria econômica generalizada tornava o comunismo uma alternativa atraente para milhões de franceses, italianos e alemães. A instabilidade era um convite à expansão soviética.

Em resposta a essa ameaça geopolítica, o Secretário de Estado americano, George C. Marshall, anunciou em 1947 o Programa de Recuperação Europeia, conhecido como Plano Marshall. Embora frequentemente lembrado por seu aspecto humanitário, o plano foi uma das mais brilhantes manobras estratégicas da Guerra Fria.

O plano injetou cerca de 13 bilhões de dólares (o equivalente a mais de 150 bilhões de dólares hoje) na Europa Ocidental entre 1948 e 1952. Seus objetivos eram múltiplos:

Reconstrução Econômica: Financiar a compra de maquinário, matérias-primas e alimentos, reativando a indústria europeia;

Contenção do Comunismo: Ao restaurar a prosperidade, o plano visava "frear o comunismo", minando a base popular dos partidos comunistas locais e estabilizando as democracias liberais;

Criação de Mercados: Uma Europa próspera se tornaria um vasto mercado consumidor para os produtos excedentes da indústria americana.

Como argumenta Richard Overly (1995), a vitória aliada não teria se sustentado sem essa intervenção econômica. O Plano Marshall não apenas salvou a Europa Ocidental do colapso, mas a integrou firmemente ao bloco capitalista liderado pelos EUA. A União Soviética, percebendo a manobra, rejeitou o plano e proibiu que seus estados-satélites (como Polônia e Tchecoslováquia) o aceitassem, aprofundando a divisão econômica do continente e consolidando a "Cortina de Ferro".

4 CAPÍTULO 3 - REPERCUSSÕES SOCIAIS: DESCOLONIZAÇÃO E DIREITOS HUMANOS

A Segunda Guerra Mundial foi um divisor de águas não apenas para as potências e suas economias, mas para a própria concepção de humanidade e

soberania. O trauma do conflito e o colapso moral das potências imperiais desencadearam duas transformações sociais que definiram a segunda metade do século XX: a emergência de um regime internacional de direitos humanos e o fim dos impérios coloniais europeus.

4.1 A CRIAÇÃO DA ONU E A DECLARAÇÃO UNIVERSAL

O fracasso da Liga das Nações em impedir a agressão do Eixo na década de 1930 tornou evidente a necessidade de um novo organismo internacional. A Organização das Nações Unidas (ONU), concebida durante a guerra e fundada oficialmente em São Francisco, em 1945, nasceu com o objetivo explícito de manter a paz e a segurança internacionais.

Contudo, foi o horror do Holocausto - o extermínio sistemático de 6 milhões de judeus, detalhado em obras como a de William Shirer (2017) - que impôs uma nova urgência moral. Os Julgamentos de Nuremberg (1945-1946), onde líderes nazistas foram julgados por "crimes contra a humanidade", estabeleceram um novo precedente: a soberania nacional não era um escudo absoluto para atrocidades.

Em resposta direta a esse trauma, a Assembleia Geral da ONU proclamou, em 1948, a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Este documento, como aponta a historiografia sobre o tema (Hastings, 2012), representou uma revolução conceitual. Pela primeira vez, a comunidade internacional tentava estabelecer um padrão universal de dignidade abaixo do qual nenhum ser humano deveria viver, independentemente de raça, religião ou nacionalidade.

Embora a ONU tenha se mostrado frequentemente limitada pela política de vetos das superpotências durante a Guerra Fria, ela forneceu uma arena diplomática crucial. Mais importante, a Declaração Universal deu uma linguagem e uma legitimidade globais às lutas por justiça, igualdade e paz.

4.2 O FIM DOS IMPÉRIOS: A DESCOLONIZAÇÃO AFRO-ASIÁTICA

A transformação social mais abrangente do pós-guerra foi, sem dúvida, o processo de descolonização na África e na Ásia. O conflito global quebrou os pilares que sustentavam os impérios britânico, francês e holandês.

A guerra operou essa mudança de duas formas:

Enfraquecimento das Metrôpoles: Conforme discutido no Capítulo 1, Reino Unido e França saíram da guerra exauridos econômica e militarmente. Eles simplesmente não tinham mais os recursos financeiros ou a vontade política para suprimir os crescentes movimentos de independência em seus vastos territórios (Hobsbawm, 1995);

Quebra do Mito da Invisibilidade: A rápida e humilhante derrota dos europeus para o Japão no Sudeste Asiático (Cingapura, Malásia, Indochina Francesa) no início da guerra quebrou o mito da superioridade e invencibilidade racial europeia.

O primeiro grande dominó a cair foi a "Joia da Coroa" britânica. Em 1947, a Índia conquistou sua independência, inspirando uma onda de movimentos de libertação em todo o mundo. Seguiram-se a Indonésia (dos holandeses) e o Vietnã (iniciando sua longa guerra contra a França).

A década de 1950 e, especialmente, a de 1960, vieram o mapa da África ser completamente redesenhado à medida que dezenas de nações conquistavam sua independência. Este processo não foi pacífico; muitas vezes, tornou-se um novo campo de batalha da Guerra Fria, com EUA e URSS apoiando lados opostos nessas lutas anticoloniais. A descolonização marcou o fim definitivo da centralidade europeia e o surgimento do "Terceiro Mundo" como uma nova força política no cenário global.

5 CONCLUSÃO

Este Trabalho buscou analisar como o desfecho da Segunda Guerra Mundial reestruturou fundamentalmente as dinâmicas globais, respondendo à problemática proposta. A pesquisa demonstrou que o período de 1945 não foi apenas de reconstrução, mas de uma reconfiguração total da ordem mundial, erguida sobre as ruínas da hegemonia europeia.

Foi possível constatar, no âmbito político - Capítulo -, que o conflito exauriu as potências tradicionais, Reino Unido e França, criando um vácuo de poder preenchido por Estados Unidos e União Soviética. A emergência da bipolaridade e da Guerra Fria não foi um acidente, mas a consequência direta da nova correlação de forças ideológicas e militares.

Economicamente - Capítulo 2-, a devastação impulsionou a criação de uma nova arquitetura financeira em Bretton Woods, que solidificou a hegemonia do dólar. O Plano Marshall, por sua vez, funcionou como a ferramenta estratégica que, ao

mesmo tempo em que reergueu a Europa Ocidental, cimentou sua aliança com os EUA contra o bloco soviético.

Por fim, no campo social - Capítulo 3-, os horrores do Holocausto impuseram uma nova consciência moral, materializada na criação da ONU e na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Simultaneamente, a fraqueza imperial permitiu o avanço dos processos de descolonização na África e Ásia, redesenhando o mapa-múndi.

Conclui-se que o mundo moderno, com suas instituições internacionais, suas linhas de fratura ideológicas e sua nova concepção de direitos, é um herdeiro direto do colapso de 1945. O fim da Segunda Guerra Mundial, portanto, não apenas encerrou um conflito, mas inaugurou o "breve século XX" (Hobsbawm, 1995), cujas estruturas definiram o mundo em que vivemos.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Vagner Camilo. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**: história de um envolvimento forçado. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.
- BEEVOR, Antony. **A Segunda Guerra Mundial**. Tradução de Cristina Cavalcanti. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- BERTONHA, João Fabio. **A Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Saraiva, 2012.
- BONALUME NETO, Ricardo. **A nossa Segunda Guerra**: os brasileiros em combate, 1942-1945. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1995.
- CHURCHILL, Winston. **The Second World War**. 6 vols. London: Cassell, 1948-1954.
- CZIZEWESKI, Grégori Michel. **O fim está próximo**: poder, tensão e nostalgia na visão da guerra fria a partir de watchmen. Orientador: Prof. Dr. Mario César Coelho. 2011.150 f. Dissertação (Pós-graduação em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.
- FERRAZ, Francisco Cesar. **Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Contexto, 2015.
- FEST, Joachim. **Hitler**. 2 v. Tradução de Claudia Foradim. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. (Nota: A obra de 1963 é difícil de localizar; usei a edição mais acessível em português.)
- HASTINGS, Max. **Inferno: o mundo em guerra 1939-1945**. Tradução de Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.
- HOBBSBAWM, Eric J. **Era dos extremos**: o breve século XX: 1914-1991. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MASSON, Philippe. **A segunda guerra mundial**: história e estratégias. Tradução de Nadyr de Salles. Rio de Janeiro: Bibliex, 2011.
- OVERY, Richard. Why the Allies Won. London: Jonathan Cape, 1995. Disponível em: <https://cdn.bookey.app/files/pdf/book/en/why-the-allies-won.pdf>.
- PEDRO, Antonio. **A Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Atual, 1995.
- SANDER, Roberto. **O Brasil na mira de Hitler**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- SHIRER, William L. **Ascensão e queda do Terceiro Reich**. Tradução de Pedro Pomar. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

TOYNBEE, Arnold J. (ed.). **La Europa de Hitler**. Madrid: Sarpe, 1985. (Nota: Esta é uma edição espanhola da obra coletiva "*Survey of International Affairs*", editada por Toynbee.)